

NA HORA DA PROVAÇÃO

Evaristo Eduardo de Miranda

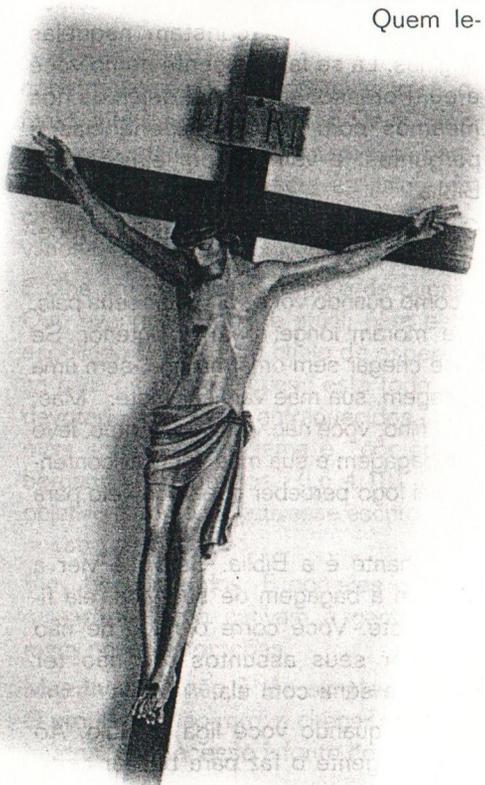
Ó Senhor, tu nos provaste,
depuraste-nos como se depura a prata (Sl 66,10)

Certa ocasião, o cardeal Newman meditava, com espanto, sobre os textos bíblicos em que as provações são apresentadas como a purificação da prata pelo fogo, numa fundição. Quantos já tiveram a ocasião de estar numa fundição e de ver o real trabalho do fundidor, acrisolando os metais? Para compreender esse processo, o cardeal Newman decidiu ir até uma fundição de prata e ver um fundidor em seu trabalho. Diante dessa obra de purificação pelo fogo, o cardeal perguntou ao profissional: "Quando você sabe que a prata está pronta, pura, purificada das escórias grosseiras?" O profissional respondeu: "Eu sei que a prata está madura quando, me debruçando sobre ela, posso ver refletidos os traços de meu próprio rosto".

Quando somos "provados pelo fogo", é bom lembrar que o Pai está debruçando seu rosto sobre nós, a fim de que nos tornemos capazes de refletir seus traços como filhos. A provação é uma experiência pessoal, irredutível e intransferível, e também uma oportunidade terapêutica. Ela pode nos ensinar como sair de todas as falsas identificações a que nos agarramos, mas que nos impedem de tocar e atingir nos-

sa realidade, nua, sem ilusões... Como dizem os místicos: quem experimenta sabe! "Que ninguém, quando for tentado, diga: "'Minha tentação vem de Deus'. Pois Deus não pode ser tentado a fazer o mal e a ninguém tenta" (Tg 1,13). Na hora da dor Deus debruça-se sutilmente sobre nós.

Quem le-



vanta os olhos interiores pode ver sua presença.

A vontade de Deus, seu desejo prazeroso, é que sejamos felizes, em paz de espírito e coração. Deus não quer, nem deseja, que sofram os golpes aleatórios ou não desta vida. Mas Ele permite que eles aconteçam, porque se agisse de outro modo bloquearia nossa natureza e condição humana. Os acidentes acontecem, mas Deus não está fazendo isso contra nós ou por nós. Como diz Joyce Rupp, "somos seres humanos plenos e finitos, vivendo sobre uma terra onde ocorrem desastres naturais, onde existem predisposições genéticas, onde às vezes fazemos escolhas erradas ou pecaminosas, onde a vida nem sempre é como planejamos ou esperávamos que fosse. Somos abençoados e onerados por nossa condição humana, com o mistério de nos desenvolver até nossa totalidade de pessoa, que envolve perdas contínuas. Somos frágeis e inacabados, sempre sujeitos à possibilidade do sofrimento. Vivemos num mundo em que sabemos não ser possível escapar à mortalidade, a nosso último adeus antes do alô eterno".

Quem enfrenta as provas, todas as provações libertadoras, se levanta solitário e simplificado, duas palavras que traduzem uma única, difícil de traduzir: *monachos*. O monge, o *monachos*, não é somente o celibatário, o solitário. É aquele que tende ao UNO (g. *mónos*), a unificação de todas as suas faculdades: corpo – coração – espírito, a fim de tornar-se um filho monógeno, unigênito, de um só gene, de um só projeto, de um só jacto ou impulso dirigido ao Pai, como o Verbo no prólogo do evangelho de João (*logos pros ton Théon*). "Elimina as escórias da prata e já sai um vaso para o ourives" (Pv 25,4). Que todos

sejam um, como eu e o Pai somos um (Jo 17,11).

Somos peregrinos. Estamos de passagem. A páscoa, a passagem – *peschar* em hebraico –, é um tema central do cristianismo. Descobrir-se peregrino é um sinal de saúde psicológica. Tudo passa. O sofrimento intolérável e o prazer mais fascinante. Tentar impedir o fluxo e o refluxo da vida de passar é causa de grandes sofrimentos. Muitos autores muçulmanos, entre os quais Al-Ghazali (1059-1111), atribuem a Jesus a seguinte frase: "O mundo é uma ponte. Passe por cima, sem estabelecer sua morada".